

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Setembro de 2023 - Nº 615

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

FREI PIO SAMPAIO DE OLIVEIRA, NOSSA HOMENAGEM AO HOMEM

L. A. GENGHINI

Monte Sião, na década dos 60, era uma pequena cidade no Sul de Minas, ressentida de um período difícil que durava uns 30 anos, desde a recessão de 1929, vendo a maioria de sua população rural, grande parte de imigrantes ou descendentes de italianos, se mudando para o Norte do Paraná, em busca de novas oportunidades, uma vez que o governo daquele estado, empenhado em desenvolver aquela região facilitava o acesso à terra. Juntou tudo e ocorreu um êxodo em Monte Sião. Entretanto, a garra, a dedicação e a teimosia daquela gente *oriundi de la bella Italia*, que ali ficava haveria de recomeçar.

Povo religioso, devoto de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, de São Sebastião e da Santaíada toda, criava situações que permitissem a aproximação com o Criador, entretanto sem ignorar tensões, especialmente com os representantes da Santa Igreja Católica, que impe-

rava naquele tempo. Depois de muitos anos das benções de Padre Gustavo Moreira de Abreu, Cônego, iniciou-se um período em que os Padres pouco estacionavam por ali. Nos intervalos, os Capuchinhos de Ouro Fino se revezavam no atendimento às almas, encarnadas e desencarnadas, tentando acalmar os ânimos daquela gente sofrida, mas orgulhosa de si mesma.

Lourenço Guireli Jr., à página 180 de seu memorável livro “Pelos Caminhos de Monte Sião” informa que entre os 19 de julho de 1966 a 06 de abril de 1974, por cerca de 8 anos, os cuidados com as almas dos vivos e dos mortos ficaram a cargo do FREI PIO SAMPAIO DE OLIVEIRA, OFMCAP, que foi conhecido em Monte Sião como FREI PIO MARIA DE CAPANEMA, dono de oratória carregada de prosa cativante e envolvente, com leve sotaque paraense, pois era de lá que vinha, da cidade de Capanema.

Naquele contexto, em

que a cidade se encontrava, Frei Pio, apoiado pela população e também pela sua família, particularmente pelo seu irmão José que o ajudou a adquirir do Sr. Natalino Canela a área que seria a futura “Chácara do Padre”, que, junto com outras iniciativas, ajudou Monte Sião a entrar numa era empreendedora que a transformou na Capital Nacional do Tricô.

Frei Pio não era um sujeito conformado. Tirou a igreja de DENTRO DA IGREJA E A LEVOU ONDE AS PESSOAS ESTAVAM. Visitava as escolas, falava com os estudantes, contava histórias, estimulava, visitava doentes, ia aos bairros e empreendia. Junto com outros monte-sionenses (ver livros do Lola) fundou o Colégio Comercial de Monte Sião e o Ginásio em turno noturno, com mensalidades tão baixas que parece que as pessoas que lá trabalhavam o faziam voluntariamente. Estes estabelecimentos abriram portas e colocaram muitos de nós no caminho,

inclusive e especialmente este que escreve estas “mal traçadas linhas”.

Irrequieto e inconformado com as dificuldades da população, foi até ela. Pastou a celebrar a Santa Missa na matriz e nos bairros, e, sobre sua Rural Willis, percorria todo o município e assistia até à população do bairro dos Francos. Ainda, para levar os ofícios da Santa Missa à zona rural, instituiu a Rádio Difusora de Monte Sião e para o aperfeiçoamento religioso da comunidade incentivou a realização dos Cursilhos da Cristandade e o Encontro de Jovens, o TLC – Treinamento de Liderança Cristã, na cidade.

Visionário, acreditava que o município, cortado por muitos córregos poderia investir na criação sustentável da piscicultura e instituiu na “Chácara do Padre”, com vistas à sustentabilidade, a criação de Tilápias do Nilo e o estabelecimento de área para cursos e eventos religiosos. No projeto de criação de Tilápias do Nilo contou com a parceria indispensável do Engenheiro Agrônomo Raimundo Esteves da Silva, que assim se pronunciou: “Sempre ia a orientar e mais vários produtores, inclusive organizamos e ministramos vários cursos de piscicultura. Também fui convocado pela Emater a ministrar um curso de uma semana na cidade de Carrancas, MG”.

Empreendedor, iniciou e incentivou a implantação de malharias na cidade, conforme nos informa, novamente Lourenço Guireli Jr (Fragmentos Históricos, 1997, p. 446) – “1968: Francisco Sampaio de Oliveira (Frei Pio Maria de Capanema), vigário da paróquia, adquirir e traz para Monte Sião a primeira máquina industrial de tricô e implanta na cidade a sua primeira malharia elétrica, em sociedade com Odila Andreta Monteiro, excelente costureira. Tem início a era industrial de roupas de malhas”, na cidade. Um marco! Nas lembranças de Romildo Labegalini foram duas máquinas industriais da marca COPPO, fabricadas em Petrópolis, RJ.

Lembramos, ainda, que em suas visitas ao ginásio comentava que estava escrevendo um livro para facilitar aos leitores o acesso à interpretação da Bíblia Sagrada, fazendo graça de que seu livro já estava ficando maior do que o próprio livro sagrado, objeto

de suas considerações. Deu certo! Em 1975, por intermédio das Edições Paulinas, com 1210 páginas, Frei Pio Sampaio de Oliveira, o nosso Frei Pio Maria de Capanema, publicou uma grande e memorável obra intitulada “*A Bíblia às suas Ordens*”, e, em 2007, publicou *A BÍBLIA em Defesa da Fé*, confirmando a dinâmica agitada da vida de alguém que, sem fazer concessões, havia se dedicado a ajudar aonde a necessidade se apresentasse.

Tamanho envolvimento com a comunidade e uma hiperatividade quase insana começa a ser percebida e enquanto a comunidade reagia, em geral positivamente, começaram a surgir dissidências, comentários maldosos e o inevitável esbarrão na política, o pomo da discórdia em qualquer grupo que reúna mais de três pessoas, fato que o magoou bastante, mas não o tirou de seu caminho, entretanto a estas alturas a situação já transformava o beato servo do Senhor, igualando-o a nós, os leigos mundanos carentes de rumo e de pastor.

Tanta ação, tantas oportunidades, tantos fatos e feitos acabaram fortalecendo o empreendedor e enfraquecendo a férrea vocação do servidor de Deus, até que optou por abrir mãos dos Sacramentos e viver a vida laica, tal qual e tão igual aos outros homens, entretanto a sabedoria e os hábitos nunca abandonam o indivíduo.

Nesse processo de mudança de vida, lá pelas tantas se pegou apaixonado pelos olhos claros e o sorriso fácil de Rita Comuni, uns trinta anos mais jovem do que ele, e ambos foram explorar outros desígnios de Deus e constituir família. Tempos depois, mudam-se para a cidade de Americana, no interior de São Paulo, e lá se estabelecem na indústria de produtos hospitalares, lutando com o fantasma da burocracia que assola nosso querido Brasil até que, já com idade avançada, desistiu da idéia.

Da relação de amor surgida entre a Rita do Seu Hermínio Comuni e do Francisco, antes Frei Pio, veio o filho Paulo Comuni Sampaio de Oliveira que lhes deu o neto Vinícius Silva Comuni de Oliveira, igual a toda e qualquer família normal que habita este mundão de meu Deus. Capanema, do Pará, se encontrou com a Itália, em Monte Sião!

Contou-nos a Rita, em

conversa telefônica, que o Francisco, mesmo sem a batina, agora leigo e, portanto, muito mais distante dos procedimentos que facilitavam o acesso às pessoas, continuou ajudando, incentivando, orientando, empreendendo, construindo e, sempre, orando muito.

A família ainda se resente de que a cidade não lhe tenha manifestado apreço ou reconhecimento pela obra realizada e pela situação de abandono que se encontra a “Chácara do Padre” totalmente descaracterizada de sua concepção original, porém, nesta oportunidade, abordando-o como autor de livros religiosos, é imperativo dar-lhe todos os créditos pelo grande impulso na retomada e no desenvolvimento de Monte Sião.

Durante seu período de residência em Americana acostumava receber algumas visitas de amigos de Monte Sião, como é o caso dos irmãos Romildo e Tadeu Labegalini e do filho de sua antiga sócia D. Odila, o nosso poeta Eraldo Monteiro.

Foi assim, até partir, em 2019, com mais de noventa e três anos vividos, deixando-nos seus legados, que com muita humildade e reconhecimento tentamos gravar para que fique para sempre, “bem claro e em bom tom”, como diria o Ivan Mariano Silva, companheiro inseparável das peripécias educacionais o saudoso Frei Pio. Que Deus o tenha acolhido no lugar mais bem merecido que possa existir.

De seu profundo conhecimento religioso, deixou-nos duas obras, incluídas no CATÁLOGO DE AUTORES DE MONTE SIÃO, que agora passam a fazer parte do acervo da Fundação Pascoal Andreta, do Museu Histórico e Geográfico e do Projeto de Exposição Permanente de Autores Monte-Sionenses “Ivan Mariano Silva” em fase de instalação no saguão do prédio da Câmara Municipal, por iniciativa dos vereadores, capitaneados pelo seu presidente Platini dos Santos Pereira, a saber:

- OLIVEIRA, Frei Pio Sampaio de. *A Bíblia às suas Ordens*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1975.
- OLIVEIRA, Francisco Sampaio. *A BÍBLIA em Defesa da Fé*. São Paulo, SP: Ed. Ave Maria, 2007.

Homenagem mais do que merecida a este homem que tratou Monte Sião como se sua terra fosse!

Até qualquer hora pessoal!

CRÔNICAS DA MINHA GENTE OUÇA SEU FILHO

IVAN

“Ouça seu filho; sempre ouça seu filho”, foi o que me disse Jeannot numa tarde em Peruíbe, quando, com um amigo comum, e depois de doses de conhaque, entoamos a Marselhesa, numa desafinação que justificaria nossa prisão por crime de lesa-pátria.

Jeannot emigrou da França para o Brasil depois da 2ª Guerra Mundial com sua mulher, Trudi, e o filho único do casal. Ele, deixando seu país que fora esfacelado e humilhado pela ocupação alemã e, como lamentava, “com o rabo entre as pernas”; ela, judia, com o nariz adunco transformado em ariano para fugir à perseguição injusta e cruel. O filho, bem, ao filho depunham as esperanças de uma nação livre, onde o preconceito não ia além de piadas de péssimo gosto.

Num dia em que lia o jornal, contou-me, seu filho, engenheiro, com cerca de 28 anos de idade, chegou até ele pedindo para lhe falar alguma coisa e se poderia ouvi-lo. Jeannot disse que “Sim, claro; apenas vou terminar de ler o artigo no

jornal e vamos conversar”. O filho deixou a sala onde estavam e dirigiu-se para seu quarto, à espera do pai. Terminado de ler o texto, Jeannot subiu ao aposento onde encontrou o filho morto sobre a cama: havia se suicidado com um tiro na cabeça.

Jeannot jamais correu sobre o desespero que certamente tomou conta do casal. As vidas, dele e de Trudi, desabaram num segundo e perderam qualquer sentido de prosseguir porque tudo o mais era insignificante, além de vazio. A dor, quando insuportável, paralisa os sentidos e o mundo não passa de uma sombra a vagar sem destino. Se, no momento da desgraça total, Jeannot tivesse deixado o jornal sobre a mesa e escutado o filho, teria evitado o ato brutal, violento e irreversível. Quem sabe o filho necessitasse apenas de uma palavra de consolo que todo pai conhece, de um afago, de uma opinião, de um tapinha no rosto para amenizar suposto problema. Qualquer gesto, afinal, menos o descuido de não atender ao chamado do filho. É possível que nem problema

houvesse, confessava-me o Jeannot. Talvez fosse apenas a carência de uma palavra amiga. “Por isso”, aconselhou-me, “se você estiver em meio a uma cirurgia ou atendendo a caso patológico ou fazendo um negócio do qual seu futuro econômico dependa ou prestes a realizar o sonho da sua vida ou planejando o futuro de sua família, abandone tudo, tudo mesmo e vá ouvir seu filho; ouça seu filho. Nada, nada no mundo vale a vida do filho e o seu mundo pode ser salvo por apenas uma palavra: a palavra que seu filho quis ouvir e você não proferiu”.

Raro e misericordioso leitor meu: eu sei que tudo o que tenho escrito nesses 60 anos do nosso jornal jamais o atingiu, mas, por favor, escute-me pelo menos agora: ouça seu filho... antes que seja tarde demais.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

=====

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 59

ISMAEL RIELI

És, terra, exemplo sagra-
do
De bondade e de nobreza:
Quanto mais te rasga o
arado,
Mais pão nos traz a mesa!
(Vicente Sanches)

Rubem Braga é, inques-
tionavelmente, o melhor cro-
nista brasileiro.

Capixaba de Cachoeiro
do Itapemirim, perambulou
pelo Brasil afora. Corres-
pondente do Diário Carioca
acompanhou os Pracinhos
na Toscana, Itália na Segun-
da Guerra. Os relatos regis-
trados redundaram no livro
Crônicas de Guerra – com a
FEB na Itália. Foi embaixa-
dor do Brasil em Marrocos
em 1961 no governo Jânio
Quadros. Escreveu para jor-
nais Cariocas, Capixabas (na
infância) paulistas, pernambucanos, mineiros, gaúchos.
Com Fernando Sabino fun-
dou duas editoras: Do Autor
e Sabiá.

1913 – Nasceu em Ca-
choeiro de Itapemirim ES.
1932 – Cobertura da Re-
volução Constitucionalista
em MG.
1944 – Cobertura da
Campanha da FEB, na Itália.
Traduziu, do Francês, Ter-
re des Hommes de Exupery.
Publicou muitos livros de
crônica:
O Conde e o Passarinho
O Morro do Isolamento
Com a FEB na Itália

Um Pé de Milho
O Homem Rouco
Três Primitivos – (Sobre
Arte)
A Borboleta Amarela
A Cidade e a Roça
Ai de Ti Copacabana
A Traição das Elegantes
Rubem Braga viveu os úl-
timos anos de sua vida numa
cobertura em Ipanema.

Bem jovem, com 26 anos,
durante 4 meses morou em
Porto Alegre onde escrevia
crônicas diárias no Correio
do Povo e Folha da Tarde.

Foi nesse ano de 39 que
estourou a 2ª Guerra.

Nesses 4 meses julho a
outubro, as penas do cronis-
ta original, cintilante sempre
versadas em estilo simples
e atraente produziram 91 tí-
tulos. Seleccionadas algumas
dessas crônicas compõem o
livro Uma Fada no Front de
cuja crônica de 2 de outu-
bro com o título “O”; “UM”
transcrevemos abaixo.

A última vez que visitei
Graciliano Ramos ele não es-
tava vivendo exclusivamen-
te como escritor. Tinha um
pequeno emprego, pequeno
e precário; mas tinha um lá
emprego. Pois bem: com
esse emprego e com a renda
de seus romances e o produ-
to de seus artigos, Graciliano
Ramos morava, como ain-
da mora, em uma Pensão da
Correia Dutra, onde eu tam-
bém já morei e, como não fi-
quei devendo nada, estou no
pleno direito de classificar de
sórdida. Nessa pensão Graci-
liano vivia com sua mulher e

duas filhinhas, ocupando to-
dos os quatro um quartinho
dos fundos. O quartinho é
ruim e o banheiro não pres-
ta, mas em compensação a
comida é péssima. E o velho
Graça fazendo ginástica para
pagar a pensão.

Por falar em Graciliano,
para desopilar o fígado reco-
mendamos a leitura de Ale-
xandre e Outros Heróis em
que ele narra as mirabolantes
histórias do mentiroso.

Sem se esquecer também
de suas densas obras primas:
Vidas Secas, São Bernar-
do, Angústia e Memórias do
Cárcere, no Estado Novo.

La filosofia é una sciencia
tale, senza la quale il mondo
continua tale quale.

Essa definição irreverente
dos Italianos é bene trovata,
però non é vero.

Filosofia, lógica, ética,
estética são apreciadas desde
antes de Sócrates até hoje.
No nosso Sebo, a loja de filo-
sofia é bastante requisitada.

Quando a lagrima vertida
Tem por causa grande
mágoa,
Quanto. A dor está conti-
da
Numa simples gota de
água!

A Inspiração
Não é comum um padre,
por necessidade premente,
por desarranjo intestinal, por
outro motivo de força maior,
interromper uma missa.
Meu inesquecível profes-

sor de italiano G.D Leoni em
seu saboroso opúsculo Cento
Anedoti conta que o abade
Antônio Vivaldi (1675-1743)
famoso compositor de musi-
ca para violino, estava uma
manhã celebrando a missa,
quando teve a inspiração de
uma melodia que lhe agradou
tanto, tanto que não se tran-
quilizou se não a escrevesse.

Então suspendeu o ofício
divino, desceu do altar correu
pra sacristia e no primeiro
pedaço de papel que encon-
trou anotou a frase melódica;
depois retornou tranquilo a
missa.

É comum poetas, músi-
cos, escritores, anotarem em
guardanapos, em papel de
embrulhos idéias preciosas
que lhes ocorrem e depois,
calmamente, desenvolvê-las.

Não lhes acontece acordar
de noite, de madrugada, e re-
gistrar numa folha de papel
o cerne de um sonho mara-
vilhoso que vocês acabaram
de ter? vocês sonham muito?
Recordam-se dos sonhos?

Em novembro de 67 a edi-
tora Sabiá enviou para São
Paulo três feras da literatura
para o lançamento de:

A Inglesa Deslumbrada
de Fernando Sabino, Livro
de Sonetos de Vinicius e A
Traição das Elegantes de
Rubem Braga. Eu estava por
lá e compareci ao evento.
Comprei autografados os 3
livros, jóias que guardo com
carinho. Talqualmente tenho
outras relíquias como Monte
Sion Amore Mio e Fragemen-
tos Históricos autografados

com letras impecáveis pelo
saudoso Lola.

A ilusão te lembra uma
fada,
Que, ao morar no coração,
Cobre de flores a estrada
E esconde as pedras no
chão

O Massacre do Carandiru
foi uma chacina que ocorreu
no Brasil, em 2 de outubro de
1992, quando uma interven-
ção da Polícia Militar do Es-
tado de São Paulo, para con-
ter uma rebelião na Casa de
Detenção de São Paulo, cau-
sou a morte de 111 detentos.

Motivos da rebelião e in-
tervenção da Polícia Militar

A rebelião teve início com
uma briga de presos no Pavi-
lhão 9 durante uma partida
de futebol dos detentos da
Casa de Detenção. A inter-
venção da Polícia Militar, li-
derada pelo coronel Ubiratan
Guimarães, tinha como jus-
tificativa acalmar a rebelião
no local. A promotoria do
julgamento do coronel Ubi-
ratan classificou a interven-
ção como sendo “desastrosa
e mal-preparada”.

A intervenção da polícia
foi autorizada pelo então se-
cretário de Segurança Públi-
ca de São Paulo, Pedro Fran-
co de Campos, que deixaria
o governo menos de um mês
depois. No entanto, ele negou
ter consultado o governador
Luiz Antônio Fleury Filho
sobre a ação. Fleury, anos
depois, afirmou que não deu
a ordem, mas se estivesse em

seu gabinete teria autorizado
a invasão.

Absolvição e morte do
coronel Ubiratan

Em junho de 2001, o co-
ronel Ubiratan Guimarães
foi inicialmente condenado
a 632 anos de prisão por 102
das 111 mortes do massacre
(seis anos para cada homi-
cídio e vinte anos por cinco
tentativas de homicídio).
[9] No ano seguinte, ele foi
eleito deputado estadual por
São Paulo após a sentença
condenatória, durante o trâ-
mite do recurso da sentença
de 2001. Por este motivo, o
julgamento do recurso foi
realizado pelo Órgão Espe-
cial do Tribunal de Justiça,
ou seja, pelos 25 desembar-
gadores mais antigos do es-
tado de São Paulo, em 15 de
fevereiro de 2006. O Órgão
reconheceu, por vinte votos
a dois, que a sentença conde-
natória, proferida em julga-
mento pelo Tribunal do Júri,
continha um equívoco. Essa
revisão acabou absolvendo
o réu. A absolvição do réu
causou indignação em vários
grupos de direitos humanos,
que acusaram o fato de ser
um “passo para trás” da justi-
ça brasileira.

No dia 10 de setembro de
2006, o coronel Ubiratan foi
assassinado com um tiro na
região do abdômen. No muro
do prédio onde morava foi
pichada a frase “aqui se faz,
aqui se paga”, em referência
ao massacre do Carandiru.

A CÚPULA DA UIS NA GRUTA CARLOS FARACO

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

A União Internacional de
Espeleologia (UIS, sigla do
francês Union Internatio-
nale de Spéléologie) é uma
entidade não governamen-
tal, sem fins lucrativos, que
propicia o desenvolvimento
de relações entre espeleólo-
gos cientistas e técnicos das
mais variadas nacionalida-
des, com objetivos de coor-
denar e fazer desenvolver a
espeleologia internacional
nos aspectos científicos,
técnicos, culturais, econô-
micos e sociais. Foi fundada
em 1965, durante as ativida-
des do 4º Congresso Inter-
nacional de Espeleologia
(CIE), na Jugoslávia; des-
de 2002 mantém sua sede
no Instituto de Pesquisas
do Carste (KRI – Karst Re-
search Institute) na cidade

de Postojna, na Eslovênia
e hoje congrega quase ses-
senta países dos cinco con-
tinentes habitados. Como
entidade internacional, tem
um diretório formado por
doze membros, cada um
deles de um país diferente,
composto de um Presiden-
te, dois Vice-presidentes,
um Secretário Geral, um
Tesoureiro e sete Secretá-
rios Adjuntos. Desde a sua
fundação, a entidade realiza
um congresso internacional
a cada quatro anos, em 2001
o 13º CIE aconteceu aqui no
Brasil, em Brasília-DF, o úl-
timo CIE foi organizado na
França em 2022 (houve um
atraso de um ano devido à
pandemia da COVID-19) e
o próximo, o 19º CIE, será
novamente no Brasil, mas
então em terras de Minas
Gerais, em Belo Horizonte,
em julho de 2025. Embora

nos dias de hoje seja fácil a
realização de reuniões vir-
tuais, a UIS tem por hábito
a realização de ao menos
uma reunião presencial a
cada ano, sendo que sempre
realiza uma das reuniões no
país que será o anfitrião do
seu próximo Congresso In-
ternacional, com objetivo
específico de checar o “es-
tado da arte” da organiza-
ção do próximo Congresso.

A Sociedade Brasilei-
ra de Espeleologia (SBE)
é uma Organização da So-
ciedade Civil de Interesse
Público (OSCIP), que con-
grega grupos de espeleolo-
gia, espeleólogos cientistas
e/ou técnicos ou simples-
mente amantes as cavernas
de todo o território nacio-
nal. Foi fundada em 1969,
durante as atividades do 4º
Congresso Brasileiro de Es-
peleologia (CBE), em Ouro

Preto-MG; desde 2002
mantém sua sede no Parque
do Taquaral, na cidade de
Campinas-SP, e hoje con-
grega sócios individuais e
grupos de espeleologia es-
palhados por todas as Uni-
dades da Federação. Desde
a sua fundação, a entidade
realiza congressos brasilei-
ros de espeleologia, a partir
do final da década de 1980
a cada dois anos, em 1995 o
24º CBE aconteceu aqui em
Monte Sião, o último CBE
foi organizado recentemen-
te, na segunda quinzena de
julho, em Curitiba-PR e o
próximo, o 38º CBE, será
coincidente com o interna-
cional em Belo Horizonte,
em julho de 2025.

Considerando-se que que
a UIS teria que realizar uma
reunião presencial neste
ano de 2023, considerando-
se que o Brasil organizará
o próximo ICS, através de
parceira estabelecida entre a
SBE e o Centro Nacional de
Pesquisa e Conservação de
Cavernas (CECAV), con-
siderando-se ainda a opor-
tunidade do recente CBE
em Curitiba, a UIS aceitou
o convite da SBE para rea-
lizar sua reunião anual de
2023 na capital paranaense,

durante as atividades do 37º
CBE. A maioria significati-
va do atual Diretório da UIS
esteve em Curitiba entre os
dias 25 e 30 de julho, para
participar do CBE e realizar
sua reunião anual. De Curi-
tiba a maior parte do gru-
po se transladou para Belo
Horizonte, para conhecer
a cidade sede do próximo
CIE e as instalações do Mi-
nascentro, local onde o con-
gresso será efetivado. Após
conhecer algumas cavernas
e sítios arqueológicos do
Parque Nacional Cavernas
do Peruçu, no Norte de
Minas, o remanescente da
comitiva da UIS aceitou
o convite de vir à Monte
Sião, para conhecer a Gru-
ta Carlos Faraco, ou seja, a
Caverna do nosso Museu, a
primeira gruta artificial em
um museu brasileiro, inau-
gurada em 1995, como uma
das atividades do 24º CBE,
este organizado pelo Epé-
leo-Grupo de Monte Sião
(EGMS).

Estavam em Curitiba
para a reunião anual da UIS
a Presidente Nadja Zupan
Hajna (Eslovênia), o Vice-
-Presidente de Operações
Nivaldo Colzato (Brasil), o
Secretário Geral Johannes

Mattes (Áustria), o Tesou-
reiro Mladen Garasic (Croá-
cia), a Secretária Adjunta
Nathalia Uasapud (Colôm-
bia), o Secretário Adjunto
Marc Mentens (Filipinas),
o Ex-Presidente Andy Eavis
(Reino Unido), o Ex-Presi-
dente George Veni (EUA)
e o Ex-Presidente José Ay-
rton Labegalini. Passados os
compromissos formais da
UIS, vieram à Monte Sião
a Presidente, o Vice-Presi-
dente, o Tesoureiro e o Ex-
-Presidente americano; che-
garam na cidade na tarde do
dia 07 de agosto e a visita
ao Museu e à sua Gruta foi
feita na manhã do dia 08.
Todos assinaram o Livro de
Presença e se fartaram com
a riqueza do nosso acervo,
mas o que mais chamou a
atenção do grupo foi o tra-
balho desenvolvido pela
Fundação, na ótica educa-
cional, pela divulgação da
espeleologia em uma re-
gião não cárstica (propicia
ao desenvolvimento de ca-
vernais), através da Gruta
Carlos Faraco – fato que
comprova e reafirma os ob-
jetivos estatutários da Fun-
dação no quesito de apoio à
educação.

O VELÓRIO

ERALDO HUMBERTO MONTEIRO

Ainda que a cessa-
ção completa da vida
seja um dogma in-
discutível, discutível
é a ordem de partida.
Afinal, por que o
Zé foi pro beleléu
antes que o João, se
era muito mais moço
que o irmão?

Soube-se então o
porquê: o Zé não se
cuidava.

Todo dia, no al-
moço e na janta,
uma pratada de fei-
jão com arroiz, ovo
frito, côve à minei-
ra, torresmo e doses

generosas da mardita
cachaça.

Dor de cabeça pro
doutor que estudou
tanto pra ser médico
do Zé.

- Vou no meu médi-
co! Dizia o possessivo
Zé.

E foi.
“Evite comer com
frequência e excesso,
a bio célula ovalada da
fêmea do galo; semen-
tes do feijoeiro com
aqueles grãos branqui-
nhos das gramíneas do
arrozal e aquela planta
glabra (sem pelos) da
família das crucíferas,
a couve”.

“Aquele parte mem-
branosa e torrada que

fica do toucinho frito,
nem pensar, sobretu-
do se acompanhada
daquele perverso lí-
quido fermentado e
destilado das borras
do melaço”.

- Enfim, seja fru-
gal, Zé!
- E cana não é fru-
ta, doutor?

Deu-se então o ve-
lório: “ato de velar,
com outros, um de-
funto, isto é, de pas-
sar a noite em claro
na sala onde se en-
contra exposto um
morto”.

No caso... do Zé.
Assim diz o “Au-
rélio”



Comitiva da União Internacional de Espeleologia (UIS) em visita à Gruta Carlos Faraco no Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, na manhã do dia 08 de agosto de 2022. Da esquerda para a direita estão: José Ayrton Labegalini (Presidente 2001-2005), Nadja Zupan Hajna (Eslovênia, Presidente 2023-2025), Mladen Garasic (Croácia, Tesoureiro 2023-2025), George Veni (EUA, Presidente 2013-2017) e Nivaldo Colzato (Brasil, Vice Presidente 2023-2025)..



Mecânica NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000



DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE
DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

A CABRA

ROMILDO
LABIGALINI

Em 1986 meu irmão Tadeu tinha uma loja de queijos, seus derivados, vinhos e demais produtos na Praça do Rosário, aqui em Monte Sião. Comprava queijos em Caldas e Santa Rita de Caldas, e também vinhos da adega “Vinhas de Israel” que, além dos garrafões fabricava também em latinhas. Adquiria vinhos também da “Chácara do Pião”, e seus clientes apreciavam muito essas bebidas.

Tadeu resolveu montar um pequeno capril e fez um cercado nos fundos da casa do nosso pai e adquiriu 8 cabras (uma já veio com o seu filhote), e um bode. No dia seguinte, ao ordenhar essa cabra, notou que uma teta estava cheia e a outra vazia, e percebeu que ela mamava em si própria. Contou ao pai o que estava acontecendo, e ele disse que tentaria solucionar o problema.

À noite passou graxa de carroça nas tetas dela e não deu resultado. Na noite seguinte passou creme dental e, de manhã, ela estava com a boca espumando e com os dentes branquinhos.... branquinhos. Falhou novamente. Nos fundos do quintal tinha um pé de pimenta Comari que es-

tava carregado. Meu pai colheu um tanto, amassou bastante e colocou um pouco de água, formando uma calda e passou nas tetas dela. Ela gostou tanto daquele sabor, que, de madrugada, escapou do cercado e comeu todo o pé de pimenta. Estava difícil solucionar o problema.

Ele e o Tadeu resolveram fazer uma “canga” bem leve e a colocaram no pescoço dela. Isso a impedia de virar a cabeça e mamar em si. Até que enfim aquele vício foi resolvido.

Em 2010 Tadeu adquiriu um pequeno sítio na zona rural do Bairro da Mococa; edificou uma casa e mudou-se com a família. Na época ele era corretor de imóveis e todas as manhãs ia trabalhar na imobiliária. Posteriormente fez uma parceria com seu filho Henrique e a esposa Fânia. Hoje somos vizinhos e construí uma chácara ao lado dele.

Em 2021, Tadeu conseguiu realizar seu antigo sonho: construiu um grande galpão com vários piquetes e comprou um lote de cabras da raça “Saanen” de origem francesa e um bode, todos brancos e registrados. Já possui 30 matrizes (produzindo e não produzindo). As cabras são divididas em diversos piquetes:

as que estão produzindo, as prenhas, as mais novas, e os filhotes. Contratou um funcionário para ajudá-lo no capril e a ordenha é mecânica.

Além de vender o leite “in natura” Tadeu fabrica diversos tipos de queijos: frescal, parmesão, boursin e chevrotin (francês), chancliche (árabe) e feta (grego). Também produz iogurte sabor morango e doce de leite, e faz uma deliciosa linguiça com carne de porco, copa, bacon, salame e calabresa. Além disso tudo faz uma gostosa geleia agridoce (maça e pimenta dedo de moça).

Sua esposa, Orlei também é muito criativa, faz ovos de Páscoa, geleias de amora, jabuticaba, uvaia, goiaba, todas com frutas de época, colhidas no próprio sítio.

Esse maravilhoso casal soube criar e educar seus filhos Henrique, André e Guilherme, todos já casados e que deram de presente aos pais três lindos netos: Bianca, Alice e Bernardo.

Tadeu e Orlei, vocês merecem toda a felicidade do mundo.

Nota da Redação: Para agrado dos leitores, os produtos da chácara do Tadeu podem ser adquiridos na própria chácara ou no Queijo Bom em Águas de Lindoia.

A PRAIA DO IVAN

Já era temporada de praia e apreciar as ondas revoltosas Quando ele mais a esposa seguiu a viagem tão esperada Ela lhe falou que comprasse bermudas charmosas Mas ele achou a ideia muito ultrapassada

Então ele levou calção e camisa de mangas compridas No lugar de Havaianas levou alpargatas Rhodia Embalou um cachecol e um chapéu de abas estendidas E ela as escondidas dele até fraldão para uso de dia

E assim ele bem enfarpelado deixou a pensão Central Que era muito boa só que faltava água E ele lá na praia foi muito sensacional Mas não tomando sol para não causar mágoa

Achou melhor não levar seu cachecol Por causa do bom tempo reinante Mas para se proteger contra o forte sol Um grande guarda-sol contra os raios castigantes

E lá estava ele apreciando as belezas do mar E bem protegido apenas os joelhos a bronzear Sua esposa lhe pediu que usasse proteção solar No que ele recusou pois nada tinha mais a enrug

Levou a tiracolo 4 cadeiras e sacolas com brinquedos O isopor com cerveja refrigerante gelo coxinha E se aconchegou na sombra sem sentir medo Pois a praia já não demonstrava o pavor que tinha

E a curiosidade das pessoas vendo um diferente Bem trajado porém com a esquisita indumentária Aguçou crianças e um aglomerado de gente Forçando a multidão numa cena tão hilária

Ele afirma que o sol da praia o deixou bronzeado Pretendendo voltar quando o ano se aproximar Para pisar na areia e provar novamente tudo aquilo [salgado

E despretensioso até mesmo na praia caminhar

Arlindo Bellini

(Com o devido respeito, lendo a crônica do Ivan, Praia, publicada neste jornal, na edição 613, de julho de 2023)

REY QUEXOTO – “KI-ZERO!”

DURVAL TAVARES

Mais um acontecimento com o r.q., o Quexotinho, que merece ser contado, nem que seja para formação de base para se conhecer a história do Quexoto.

Três anos após ter nascido de novo, quando o Herói de Manguá o salvou das profundezas (nem tanto!) do Rio Tamanduá, estudante da escola primária, o Quexotinho se viu em maus lençóis. Não podemos apenas a ele atribuir o péssimo resultado de uma aventura estudantil, mas o garoto mostrou-se criativo demais e, digamos, na hora errada.

Naquele ano escolar já

fora diagnosticado com um problema ocular, não por um doutor – coisa de rico naquela época – mas pela professorinha Dona Edna que, taxativamente, lhe recomendou o uso de óculos. Ela percebia que ele mal via o que se escrevia na lousa. O esforço era gigante e as letras, para ele, pequenas demais, o que impedia o juvenzinho de anotar até as lições de casa (jamais pensar que fosse proposital). Ele não enxergava nada além de um palmo de seu nariz. Lá sua mãe foi chamada para resolver essa questão. Conclusão: Óculos cor laranja com lente duvidosa na cara do r.q.. Pelo menos enxergava um pouco mais

e com isso continuou os estudos sem maiores reclamações.

Certo dia, numa aula de linguagem, o tal português da ocasião, r.q. resolveu pôr em prática toda a sua criatividade. Numa redação, como se dizia, numa dissertação, digamos que ele não obteve bom sucesso (esse “bom” é para o caso de existir um “mau” sucesso). O tema da redação era simples demais: “Uma caçada”. Simples para um mundo de gente, mas algo que levou o rapazinho a se meter a besta e inventar. O que se queria é que ele, assim como os demais, descrevesse de forma clara e objetiva a caça de algum animal, seja lá um rato, um porco do mato, um pombo, um pardal. Utilizar um estilingue com maestria lhe renderia coisa melhor. Mas o Quexotinho, querendo mostrar soberania, arquitetou um plano e resolveu criar uma estória diferente. Com o objetivo de obter (no caso, caçar) uma boa nota, em sua redação tratou o tema fora do tradicional, do convencional, do normal, do esperado. Hoje pouco se lembra do que lhe deu na telha, a estranha caçada (... caçada de uma nota, nem precisava ser dez”). De todo modo, sua redação alcançou o objetivo, como se perceberá.

Numa sexta 13 (se não

fosse 13 e sexta não teria graça), Quexotinho acordou insone. Nem dormiu direito só de pensar se sua criação seria um sucesso ou um tremendo fracasso. Na escola começou bem mal o dia e não se saiu bem nem ao cantar o hino nacional, seu querido “virundum”. Atravessou tanto que preferiu fingir cantar para não atrapalhar. Quem já assistiu ao episódio do “Mr. Bean” numa cerimônia religiosa, sabe bem como foi (ele simulava cantar e só entrava para o conhecido “... aleluia, aleluia, aleeeeluuuia...”). Como se diz, desgraca pouca é bobagem, e para piorar, subitamente entra na sala de aula o Diretor do “Grupo Escolar Manguense - GEMA”, Sr. Sabatus Piselli, descendente lá do sul da Itália - grego com italiana, um autêntico diretor greco-romano. A redação do r.q., de fato, o incomodou demais, ou o diretor não teria ido à classe de corpo presente (era bem idoso, mas estava vivo, sim) para demonstrar todo o seu mau humor. Em tom austero, falou pouco do que esperava dos estudos e, sem o menor rodeio, criticou muito a tal redação, a caça sem graça. Passou por cima da professorinha, aquela que recomendara ao Quexotinho o uso de óculos (talvez r.q. tenha preferido não caçar animais por

falta de mira, de pontaria, sem falar que seus óculos laranja o transformaram num espantalho para parciais) e comunicou, não em grego ou italiano, mas no bom e velho português, que naquela classe seria aplicada a primeira nota zero do ano, sem louvor algum. O redator-caçador acertou no que mirou: Bruta Zero!

O r.q. ficou encolhido na sua carteira e tentava se esconder a todo custo. Tinha feito besteira, mas a nota zero foi sim um susto. Essa nota foi uma marca na sua vida e contribuiu para alguns tropeços nos estudos, mas serviu de incentivo ao aprendizado: a criatividade tem seus limites e da primeira nota zero nunca se esquece. Pior, os colegas nunca o deixariam dela esquecer tão cedo.

O restante das aulas daquela manhã foi muito difícil para o Quexotinho suportar. Nem conseguiu comer no recreio - no intervalo – seu pão com “mortandela” e banana. Nem o Ki-suco tomou. A banana se multiplicou. Pelo menos distribuiu bananas para todos os coleguinhas que o chamavam de Ki-Zero. Depois, preferiu esconder-se num canto até a hora de ir embora, não queria mais ser incomodado. Fez de tudo para não ser visto. Tornou-se, ao menos por instantes, um menino fantasma, um

aluno invisível. A certa hora, levantou o braço, pediu licença à “fessora” e, tremendo, sem mesmo ter ouvido um sim, saiu correndo pro seu troninho, onde por bom tempo reinou sozinho.

Felizmente soou a sirene da saída e, sem pestanejar, saiu voando da escola. Lá fora, uma surpresa muito feliz: o seu querido Zio Niba, que nunca tinha ido antes à escola (nem para estudar, nem para buscá-lo), de longe o viu e o chamou. Descobriu que para o Zio era bem visível. Lá estava ele com a sua vistosa carroça puxada pelo Zoe, um belo cavalo baio de cor amarula ou palha – a gost do freguês - para levá-lo carinhosamente. Uma saída com chave de ouro. No caminho, aquela carroça voava e a brisa que saía da roça, do canaviá, atingia em cheio seus cabelos e sua cara. Cena rara. O barulho gerado pelo trotar do Zoe combinado com o das rodas mal engraxadas da carroça soava como melodia aos ouvidos do Quexotinho que, naqueles momentos, sentia que ganhara o dia.

À noite, de tão feliz que dormiu, sonhou com o seu galinho Bico de Vinil cantando sem parar “Kikiriki-kizero. Kikirikiki.kizero.....Kikirikiki.kizero”.

Non so ancora in che língua canta il gallo! Ciao!

SINA

meu caminho é sem destino e emaranhado

onde me acho e desacho

kuaia

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**

**RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO)**

3465-5463

DO QUE É INTRÍNSECO

MATHEUS ZUCATO

Deitou no divã como quem deita para dormir. Ela o aconselhou dessa maneira para que ele recordasse melhor dos seus sonhos, e que detalhes que por ventura fossem significantes não fossem deixados para trás; ele concordou, a escutar sem ouvir, e disse: “doutora, não será preciso, pois há somente um detalhe em todos os meus sonhos”; e ela disse “você quer começar...”, e completaria mais alguma coisa quando ele a interrompeu, como se as palavras fossem água a jorrar de uma torneira que estoura:

“Doutora, em meus sonhos há sempre um fator em comum que somente

há pouco descobri, e talvez seja esse o detalhe principal de onde derivam-se todos os demais detalhes importantes ou não, até porque a importância já é relativa, mas não vim falar da importância das coisas, vim falar dos meus sonhos, e a coisa, doutora, é que em meus sonhos eu sempre procuro por algo.” Ela quase o interrompeu, mas ele continuou, “sim, procuro por algo que me falta: ora é por um lugar, ora uma pessoa, ora busco por um objeto, ora por uma resposta; e acho que nessa busca inconsciente somente poderia eu encontrar as respostas em meu plano consciente, pois não quero ser simplista em dizer que a busca nos sonhos é resposta de uma constante

busca em minha vida, não, nem dizer que é reflexo da infância que tive ou dos conturbados anos adolescentes ou do meu trabalho atual, também não; pois quero inverter o tabuleiro e jogar com as peças que estavam escondidas na parte debaixo da mesa; essas peças que somente conseguimos jogar se viramos nossas vidas de ponta-cabeça e vislumbramos o mundo de uma perspectiva dispar. E assim o fiz, pois poderia dizer que esta busca merece ser melhor analisada não pelas questões de minha vida, mas da vida comum, geral, a vida onde a busca significa um estado de vazio, de uma falta constante de algo que lhe pertence ou pertenceu; pois a causa das buscas

sempre é a necessidade, não o prazer em procurar; e a ânsia da necessidade supera em muito a do prazer, de modo que mesmo na busca pelo prazer em si, busca-se por necessidade de algo ausente, não pelo prazer em sentir prazer. Como disse, poderia dizer tudo isso, mas ainda me sentiria um simplista: quero jogar com peças mais intrusivas e que machucam os dedos dos que as tocam; pensei na falta em si, doutora, e o que ela representa nesse contexto todo da busca; as respostas são todas muito turvas, e pouco consegui enxergar, porém acreditei ter percebido a falta, propriamente dita, como fator comum a todas as vidas, e que talvez seja ela parte natural e es-

sencial do íntimo, na medida em que a *busca* seja a herança — benéfica ou maléfica, é relativo — que nossos ancestrais nos deixaram. Uma herança que avança de geração em geração sem nunca ser preenchida por coisa alguma: nem pelos prazeres, nem pelo sentimento traiçoeiro e passageiro de ‘ter encontrado’, nem pelo próprio prazer em procurar. Ainda, pensei na possibilidade do sentimento da falta ser tão intrínseco quanto à própria respiração ou o pulsar do coração, e que, então, as perguntas talvez sejam desnecessárias, como se questionar, por exemplo, por que respiramos e por que o coração continua a bater. E é engraçado como tudo isso cessa com a mor-

te: a respiração, os batimentos cardíacos e o vazio humano. É tão incrível que ousaria dizer que o vazio humano só pode ser preenchido por outro vazio, que é o fim. Enquanto isso, as questões permanecem inúteis, como o é tentar preencher um espaço do qual não se tem noção de sua amplitude. É a condição inerente à existência humana.”

Em seu rosto, de repente, a iluminação de quem conclui. Após uns minutos de silêncio na sala, ele se levanta, deixa algumas notas de dinheiro sobre a mesa de canto e sai sem encontrar o que então já não procurava mais.

Conto publicado originalmente no livro “Realidades Rompidas, em 2021.

O BEIJO

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

O beijo mais comentado na história da humanidade certamente é o de Judas em Jesus, há mais de dois mil anos, nas penumbras do Jardim das Oliveiras, sem os flashes da modernidade internética. Agora mesmo o mundo ficou assombrado com o polêmico beijo do dirigente espanhol numa jogadora ao receber a medalha de campeã mundial de futebol, escandalizando o mundo. Cinéfilo que sou, fui me lembrar de cenas marcantes de filmes.

Para os que falam em

modernidade, saiba que o cinema surgiu em 1895 e o primeiro beijo na história se deu em 1896, no filme “The Kiss”, uma ingênua troca de selinhos (tipo Hebe Camargo), em meio a sorrisos quase infantis dos atores. E o primeiro beijo gay no cinema se deu em 1927, no filme “Asas”, entre dois pilotos da 1ª Guerra Mundial. Depois tem o sensual beijo de Burt Lancaster e Debora Kerr numa praia em “A Um Passo da Eternidade”, de 1953. Tem o beijo fofo entre a aristocrata Dama e o vira-lata Vagabundo comendo spaghetti, de 1955. Tem os beijos

românticos de “E o Vento Levou” (1939), “Cantando na Chuva” (1952), “Romeu e Julieta” (1968) e o beijo espiritual em “Ghost – Do Outro Lado da Vida” entre Demi Moore e Patrick Swayze — difícil citar tantos outros. Em “Uma Linda Mulher”, a jovem prostituta (Julia Roberts) permite tudo na relação sexual, menos beijar na boca. Em “Cinema Paradiso”, o rigoroso padre da cidadezinha obriga o dono do cinema a cortar todas as cenas ‘escandalosas’ de beijos, depois reagrupadas numa memorável e emocionante sequência final. E outro beijo muito fofo no filme “ET – O Extraterrestre”, quando a garotinha fica paralisada por causa dos sapos que fogem do laboratório e o menininho taca-lhe um beijo na boca (no melhor estilo Casablanca). Beijo é o que nunca faltou no cinema. Alguns (dizem, é claro) simplesmente “beijo técnico”.

O Dia Internacional do Beijo é comemorado em 13 de abril. Minha recomendação: tenha muito cuidado quando for beijar alguém. Dizem que beijos transformam sapos em príncipes e despertam donzelas adormecidas. Isso não sei dizer. Pode ser apenas uma fábula.

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Foi que houve um grande volume de pedidos nos programas de rádio e TV matinais, redes sociais para eliminar os cantos desses tais Sabiás laranjeiras, sendo que nem laranjeira tem mais nas cidades, e temos de aguentar esses cantos desde alvorecer: Eu quero dormir, parem de cantar!

É que nesta época do ano, povo não sabe, os Sabiás inflam, mesmo, seus peitos em chamados, um ultimato ao alto COSMO, infinito das essências de tudo que é força nos seus cantos para chamarem a nova estação, o plantio e chuvas, chuvas às sementeiras, às novas ninhadas.

Cidades inteiras em grande greve e mutirão saem ronda ruas afora quintais à caça dos Sabiás (Apareçam!), que seguem canto alarmante aos céus: Piedade, piedade, senhor, já é tempo setembro às sementeiras inteiro mundo inteiro, Piedade, piedade, senhor, vamos morrer de fome... Povo queren-

do sossego, dormir, mas agora, aqui, nas ruas com paus, pedras, onde estão, onde estão? Apareçam de suas folhagens com seus cantos Sabiás Piedade, piedade, senhor, manhã à noite pairando no ar: Piedade, piedade, senhor, já é tempo setembro às sementeiras esperando as chuvas para plantio, plantio das sementinhas, sementinhas de gerar colheitas de sementinhas e saciar nossas fomes, Piedade, piedade, senhor, eu canto Caetano: “Deixa eu cantar que é pro mundo ficar Odara/ Pra ficar tudo joia rara”, pro mundo melhorar de suas fomes, fomes que temos...

Mas se eu quiser sementinhas eu pego no mercado Shimoda! Diziam pelas ruas.

Delegado foi chamado, sem solução. Eram forças Ets, então, e vinham de Marte? Era fake News? Nada disso. Nem delegado nem polícia nem biólogos sabiam de onde vinha a força dos cantos dos sabiás Peidade, piedade, senhor. Muitos até diziam que eram seres enormes, e que chegavam a verme-

lhar a barra do horizonte com seus cantos. Puro mistério, mistério mesmo... E agora?... O Genh-gini, você que é de Monte Sião, diga onde estão esses malditos passarinhos! – Oh alto lá, malditos, não, BENDITOS! Deixem eles cantarem que é pro mundo melhorar, povo!...

... Calma, gente, calma, quando o Cosmo atender a seus pedidos de chuva, chuva para as sementes brotarem, brotarem com força, para saciar todas as fomes, isso tudo vai passar, anunciou o Romildo Labegalini, nas redes: rádio, tv, zap, face, instagram... E o Romildo (Filho do Último Labegalini, que tinha um armazém de secos e molhados) entende de roças e de redes sociais, pode acreditar, e começar o plantio, que senão os sabiás não vão parar de cantar. Mas, também, quando as sementinhas brotarem, podem cantar mais ainda... daí, na alegria e parceria de tizius, coleirinhas, bigodinhos... e tenho dito: *piedade, piedade, senhores!*... ouçam nossos cantos.

CINEMA PRA QUEM GOSTA DE CINEMA: Alguns filme que marcaram época no nosso Cine Brasil

J. CLAUDIO FARACO

Filme: “*Spartacus*”, com Kirk Douglas e Tony Curtis, sob a direção do ótimo Stanley Kubrick, produção americana de 1960 e exibido no Cine Brasil em 24/01/1965.

O Círculo do Medo: com Gregory Peck e o grandalhão Robert Mitchum. Tensão e muito suspense o tempo todo, quando Robert Mitchum sai da prisão e passa a perseguir e ameaçar seu advogado, Gregory Peck, por não tê-lo livrado da cadeia. Exibido no Cine Brasil em 06/02/1965.

Filme: *Rastros de ódio*: filme de 1956 – sob a direção do ótimo Diretor John Ford. Atores: John Wayne e a bela Natalie Wood. É considerado o melhor filme John Ford. Tema; Veterano do Exército passa anos e anos à procura de índios que invadiram sua moradia e mataram o irmão, a cunhada e raptaram sua bela sobrinha, no caso a morena Natalie Wood. É um clássico do faroeste e considerado o melhor filme de Ford. Exibido no Cine Brasil em 1963. Simplesmente imperdível!

Zorba, o Grego: Direção de Michel Cacoyannis – produção americana de

1946, tornou célebre o ator Anthony Quinn numa das interpretações mais soberbas da história do cinema! Exibido no Cine Brasil em 2/04/1966.A partir desse filme, a belíssima música grega fez fama mundial e se espalhou para centenas de países onde o povo saía às ruas para dançar a mesma música do filme.

A Queda do Império Romano, belíssima e histórica produção americana de 1964, sob a direção de Anthony Mann. É um dos grandes filmes da história do cinema, aqui, sob a interpretação inesquecível do ator Alec Guinness!

Paraíso Perdido – (*Shenandoah*), belíssimo faroeste com ótimas interpretações. Exibido no Cine Brasil em 6/06/1967.

A Última Carroça – outro clássico do Faroeste, produção americana de 1956, com Richard Widmark e a belíssima Felícia Farr sob a direção do bom Diretor Delmer Daves. Exibido no Cine Brasil em 23/07/1965. Sem dúvida foi mais um filme que agradou a todos, sem exceção! O diretor, sempre atento, extraiu belíssimas imagens da região oeste dos Estados Unidos, rica em cânions e lindas formações rochosas e também em índios perigosos.

BILLY

Fiel e verdadeiro, não esquece jamais. Quando chego, não disfarça, balança o rabo de alegria.

Não sei como, mas sabe a exata hora da minha partida. Seu lamento corta o coração, mas prometo, Billy, voltarei sempre, para te ver.

YOSHIHARU ENDO

JARDIM ENCANTADO DA PRIMAVERA

JAIME
GOTTARDELLO

Os meninos carregavam o apelido de Huguinho, Zezinho e Luisinho com orgulho de serem comparados aos sobrinhos do tio Patinhas. Sonhavam em ser escoteiros e fazedores de aventuras como os personagens do gibi.

O quintal de terra batida, com galinhas e canteiros de girassóis, margaridas e crisântemos era o seu mundo de borboletas e

pássaros e sonhos.

Havia um pequeno lago contornado por pedras coloridas e seixos que traziam ao quintal uma atmosfera mística onde seres invisíveis podiam habitar. Os meninos fizeram pequenas esculturas de pedra e madeira e uma bailarina com fios de arame nos nichos das pedras ao redor do laguinho. Para se conectarem com os seres invisíveis, diziam.

Muitas vezes quando a primavera chegava, eles se reuniam no quintal com

outras crianças para contar e ouvir histórias sobre pássaros, borboletas, aventuras de primavera e organizar um torneio de pipas. Era a estação preferida, conhecida por suas cores vibrantes, flores desabrochando e toda a natureza se renovando.

O torneio de pipas no jardim encantado era a mais pura evocação de liberdade e aventura. E ainda havia o cheiro de chuva e capim molhado impregnados em suas roupas ao entardecer. E se maravi-

lhavam com a lua se insinuando através das árvores e por cima dos morros. E então os meninos se recolhiam em casa lambuzados de tanta luz.

Com a noite recém-chegada e as cortinas das janelas sendo acariciadas pela brisa fresca, os meninos apenas sonham com seus jardins encantados, borboletas, pássaros e pipas. Sonhos que evocam as maravilhas da natureza e da infância.

Dizem que Deus perdoa sempre, os homens per-

O TREM

Pegou seu sanduíche, pois também tinha fome. Seu colega de cabine, o falso Churchill, estava feliz da vida, suas bochechas rosadas sorriam e os olhos claros brilhavam perante o sanduíche. Comeu sua refeição e decidiu que deveria procurar mais informações sobre sua viagem. Perguntou ao falso Churchill se gostaria de ir junto, ao passo que ele respondeu apenas “é uma pena estarmos aqui na ala econômica, dizem que na ala *black* servem champagne e diversos petiscos”.

Aristocles saiu da cabine e viu aquele corredor infinito, a senhora do lanche havia sumido. Foi seu primeiro momento de desespero. Resolveu andar com passos rápidos. O corredor de fato parecia infinito e tudo parecia muito igual. Sem informações ou sinais sobre origem, destino ou qualquer assunto parecido. Eram apenas cabines, números acima das cabines e portas, em sua maioria, fechadas. Resolveu voltar para sua cabine, 10, dessa vez correndo, o que chamou atenção dos passageiros das cabines com portas abertas. “O que há, rapaz? Pare de correr no corredor!”. Passou de sua cabine e continuou correndo na direção oposta, até encontrar uma saída de emergência no teto do corredor. Ele sabia que

doam algumas vezes, mas a natureza sempre cobra um preço. E quando a infância passa e a natureza deixa de ser percebida, o homem segue com medo da falta de sentido da vida, da finitude da vida, medo pelo fato de que o Universo é indiferente a tudo e a todos. Platão trouxe consolo ao afirmar que tudo aqui é irreal, por isso não vale a pena sofrer. O real está no mundo das ideias e tudo será perfeito depois que tudo se acabar. O cristianismo através da fé em Jesus também prega

a vida perfeita para os que a merecerem após a morte. E isso vale para todas as religiões que se adaptaram à filosofia de Platão. Mas os meninos nada sabem de Platão, Nietzsche ou danação eterna.

Mas no jardim encantado eles estavam redimidos. Eles eram a própria natureza que lhes rendia graças e os cobria de bênçãos.

Para Huguinho, Zezinho e Luisinho o jardim encantado sempre será um refúgio seguro, guardado no tempo e pleno de luz...

DANILO ZUCATO
ROBERT

[Inspirado em Jorge
Ángel Livraga Rizzi]

Um homem acorda de um profundo sono. Aque-la paz ainda reina em seu corpo. Vagarosamente abre os olhos e percebe seus sapatos num chão de veludo sujo, encardido. O chão se mexe, vibra, seu corpo vibra e a poltrona fofa que está sentado também vibra. Olha ao redor: está em uma cabine de trem. Um trem? Não se lembra de ter pego um trem. Não se lembra de onde vem nem para onde está indo.

Olha para frente e vê um senhor dormindo com jornais em suas mãos. Óculos redondos, chapéu escuro, rosto robusto, um quê de William Churchill com bigode grosso e grisalho. Nosso personagem principal fica um pouco apreensivo, pois de fato não consegue se lembrar como foi parar ali. Dentro de sua mala de roupas de couro, apenas uma pista, seu bilhete. No bilhete, apenas um nome e número: Aristocles, 10.

Aristocles? Não se lembra de se chamar assim. Isso não é nome de gente antiga? Péricles, Temístocles, Hércules...bem, parece nome grego, mas não importava no momento. Mais

importante que seu nome era o fato de não saber para onde ia. Não resistiu e acordou o senhor em sua frente, que se recusou a falar seu nome. Perguntou para onde iam e o senhor disse que não se lembrava, mas não se mostrou tão interessado nisto. Tinha fome e queria saber a que horas os funcionários do trem passariam distribuindo lanches.

Percebendo que deste Churchill de bigode nada descobriria, resolveu levantar e ir ao corredor do trem, que ia a todo vapor. Abriu a porta de sua cabine, viu uma infinidade de portas, algumas abertas, outras fechadas, mas ninguém no corredor. Percebeu que a ala onde se encontrava era econômica, pois tudo era apertado, encardido, semi-escuro. Foi até uma cabine com as portas abertas, onde se encontrava duas mãos com um filho cada. Os filhos brincavam e as mães tagarelavam. “Meu filho aprendeu a ler recentemente, agora está soletrando tudo.” Ao passo que a outra rebatia “que bonitinho”. Meu filho acabou de entrar na aula de piano, com certeza ele tem o dom, outro dia o vi dedicando *‘parabéns a você’* no piano de casa.

Aristocles se desculpou por interrompê-las, perguntando se sabiam para onde o trem ia, ou de onde vinha. As mães disseram que não,

mas que logo viria o lanche. E voltaram a falar sobre os filhos, com certo parênteses entre os elogios para falarrem que ficaram sabendo que na ala gold as opções de lanches da tarde eram maiores, ou pelo menos mais que apenas uma opção, como na ala econômica em que estavam. Aristocles ficou admirado e um pouco preocupado ao notar que ambas sequer se importavam em descobrir para onde tal trem estava indo. Resolveu voltar à sua cabine e olhou pela janela. Uma bonita paisagem verde, sem sinal algum de cidades ou obras humanas. Tentou se manter calmo, mas mostrava sinais externos de agitação, ao passo que seu companheiro de cabine perguntou se ele estava bem.

De repente, ouviu no corredor uma voz feminina que informava “Lanche da tarde! Lanche da tarde! Um por pessoa, um por pessoa!”. Pensou que agora era a chance de ele descobrir por fim de onde vinha e para onde estava indo, ao passo que saiu no corredor e chamou pela senhora que distribuía os sanduíches. Pobre Aristocles, que não conseguiu perguntar nada à senhora, pois nas três tentativas, foi interrompido por “senhor, fique dentro de sua cabine”, “lanche da tarde, lanche da tarde” e “um por pessoa, um por pessoa”.

XXI CONCURSO “FRITZ TEIXEIRA DE SALLES” DE POESIA

No dia 12 de agosto de 2023 tivemos o evento de premiação dos classificados na 21ª edição do concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia.

Todos os anos o Concurso presta homenagem a uma pessoa que tenha relevante contribuição para o fomento da cultura e, em 2023, a figura de destaque escolhida foi o jornalista Chico Pinheiro, que, infelizmente, não pôde estar presente, porém nos enviou um vídeo onde ressalta a importância dessa ação da FCPA.

No terceiro ano do formato com três categorias – Infantil, Juvenil e Adulto – o concurso

“Fritz” tem se firmado como uma importante ação cultural de incentivo e divulgação de poesias e poetas.

Na categoria Infantil recebemos 81 poesias de 71 poetas mirins. Na categoria Juvenil foram 99 inscritos com 137 poesias. Destaque importante para o Professor Éder Oliveira Alves, da escola Estadual Joaquim Ribeiro, de Rio Claro – SP, que fez um trabalho junto aos seus alunos e, dessa escola, 29 alunos se inscreveram – sendo que duas delas tiveram seus trabalhos classificados entre os dez melhores de sua categoria.

No caso dos adultos,

2047 poesias foram inscritas por 1154 participantes de todos os Estados brasileiros e do Distrito Federal, além de residentes na Alemanha, Angola, Canadá, Itália, Japão, Moçambique, Portugal e Turquia.

Quer conhecer as poesias vencedoras? Publicamos aqui as classificadas do 1º ao 3º lugares de cada categoria e na página da Fundação na internet você poderá ler até o 10º lugar. Acesse o endereço: <https://fundacaopascoalandreta.com.br/poesias-classificadas/>

Fundação Cultural
Pascoal Andreta

HOMENAGEM À CHICO PINHEIRO

LEDA RIELI

“O jornalismo é um espaço, um lugar privilegiado na luta por justiça, porque a justiça é a filha da verdade e a busca da verdade é a fundamental função do jornalista”
Chico Pinheiro

Essa frase dita por Chico Pinheiro revela bem o que ele é, suas lutas, suas posições e suas escolhas. Chico sempre fugiu do rotulo de Apresentador de TV, sempre se declarou REPÓRTER, que tem a missão de REPORTAR, ANUNCIAR, CONTAR O QUE ACONTECE DE MANEIRA CLARA. VERDADEIRA, HONESTA E, PRINCIPALMENTE, COM COMPROMISSOS E RESPONSABILIDADES SOCIAIS. E é nesse gingado que o repórter, que quase foi padre, quase foi engenheiro e sempre foi apaixonado pelo Brasil, pela Brasileidade, pela Cultura e Música Raiz/Popular Brasileira segue embalado no

trem da vida.

Filho do topógrafo Antônio Oscar Pinheiro e da professora Ester Gontijo Melo Pinheiro, Francisco de Assis Pinheiro, conhecido como Chico Pinheiro, nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, mas foi criado em Minas Gerais e, como sempre gosta de dizer, “Minas Gerais não é um Estado Geográfico é um Estado de Espírito”. Além do Jornalismo e Música, Chico é aficionado pelo Galo* Clube Atlético Mineiro. É Conselheiro Benemérito e foi presenteado, num Mineirão lotado, pelo Galo de Prata, maior homenagem a um torcedor e um de seus orgulhos. E quando provocado pelos poucos Títulos do Galo, a resposta é rápida: Quem gosta de Títulos é cartório, Nós somos Atleticanos, Somos Galo em todo terreiro”

Inquieto, animado e atento às necessidades de Brasil, Chico não conseguiu fazer a pausa anunciada e prevista. A aposentadoria não durou nem dois meses. Como ele diz: “ não

podemos omitir, não podemos cochilar, lutamos muito por uma democracia, temos o dever de zelar por ela, democracia requer atenção, cuidado e zelo permanente. Temos na vida uma missão social, não podemos abrir mão dela”. E ainda lembrando do terrêneo com o quem trabalhou e recebeu vários conselhos – Trancredo Neves: “Pinheirinho teremos a eternidade para dormir, então vamos à luta, não podemos perder tempo”. E é assim que Chico Pinheiro recém setentão, segue na ponte aérea, no metrô, nas ruas do Rio de Janeiro, São Paulo e nas plataformas de comunicação: cheio de sonhos e lutas. Chico segue Reportando, Cantando e com o microfone aberto.

Como ele mesmo diz: “Coragem, sigamos Sua-ve na Nave porque Graças a Deus é Monte Sião, é Cultura, são serestas, são saraus que seguem, são Brasis que sonham !!!!

CLASSIFICAÇÃO - XXI CONCURSO “FRITZ TEIXEIRA DE SALLES” DE POESIA

POESIAS CLASSIFICADAS - ADULTO

1º lugar
A meretriz
Acusam-me de excessos, de luxúria, de usar sorriso ardil e olhar de assédio. Afundam-me num mar de tanta injúria, que o lodo da desonra ofusca o nédio!
Por certo, que jamais me entrego à fúria e, enquanto vendo o corpo, espanto o tédio dos homens que no lar impõem a espúria e têm na minha carne o seu remédio.
Difícil é a minha vida fácil, que além de uma aparência doce e grácil, no corpo farto, o afeto faz jejum...
Se os homens sempre aquecem minha cama, meu coração gelado só desama... Os homens tenho todos e nenhum!

Elvira Gloria Drummond Miranda
Fortaleza – CE

2º lugar
No bolso do homem morto
Encontraram no bolso do homem morto um chaveiro e uma agenda rabiscada, um carnê de uma compra parcelada e uma imagem do Cristo sobre o Horto.
Tinha ainda um pequeno pente torto e uma foto de sua namorada, um bilhete da Mega da Virada e um cartão do check in no aeroporto.
Também tinha uma simples caderneta com poemas escritos à caneta revelando os anseios que, amiúde,

despertavam com ele todo dia
sem levá-lo a afligir-se, todavia,
com sua inexorável finitude.

Mauro André Oliveira
São Paulo - SP

3º lugar
Eleonora
Certo dia falou-me Eleonora És meu Dante, sou tua Beatriz, Se desejas de fato ser feliz Aceite essa proposta tentadora.
Sob um véu de Diana caçadora, Vestes brancas tão alvas como giz, Entre caras e bocas de uma atriz Disse em voz sussurrante e sedutora:
Desde que protegidos por meu véu É possível voar, chegar ao céu, Sendo eu uma freira e tu um monge.
Fui então consultar-me cá comigo, Disse aceito a proposta, vou contigo, Mas o céu eu não quero – é muito longe.
Massilon Ferreira da Silva Poço Redondo - SE

POESIAS CLASSIFICADAS - JUVENIL

1º lugar
Acho que estamos no inverno à minha querida avó, Miriam Amaral Gama.
aos sete anos, aprendi a morrer com a minha vó e desde então virou hobbie. toda noite faço meu leito deito-me de peito vazio não ouve-se batida alguma veja, acontece o seguinte: as noites escoam pelo ralo, não consigo evitar. imagino-me naquela varanda, cada centímetro de cimento engolido pelo sol. aqueles foram os bons dias, não foram? mas agora já faz quase uma década e mesmo assim, vez ou outra ainda tenho que perdoar Deus.

sinto-me inquieto.
pergunto-me sobre como você deve estar.
tá bem? me ouve? me lê? me pensa?
será que você também diz aos outros que chora só às vezes,
mas na verdade chora sempre?
ou isso é só coisa da carne mesmo?
espero que seja.
você já sentiu dor suficiente,
e agora eu sei,
eu sei que a vida é essa coisa,
esse intervalo entre nascimento & morte,
onde nós nos distraímos do fato de que vamos morrer.
mãe, mãe, me escuta agora
e depois eu te deixo dormir:
acho que estamos no inverno desde que a vó morreu,
ou pelo menos dentro de mim parece ser.
posso dormir com você só por hoje?
estou cansado de morrer.

Vitor Amaral Mussi
Guarulhos – SP

2º lugar
Casa Mater
Do Alto, eu vi; vi tua face orgulhosa zingar Toda a fatuidade do Mundo e o chiste que é teu. Vi, porque olhastes para cima, além do que é céu, E estava lá eu a julgar-te com o devido pesar.
Ensinastes a roda e o pecado dos frutos, O semear da pedra; e crucificastes a palavra Que me acolheu com os braços martirizados E atados quando eras tu falta que hoje agrava
Em nada a Casa Viva, eterna, Casa Mater. Matéria crua e limpa é imanifesto cor, Inesgotável, inatingível pelo teu caráter; Inexato, desalento que cumpristes com rigor.

Recebei-me, Pai, como fizestes antes,
Mas agora recaio sobre ti com asas negras.
Recaio com assombro sepulcral de íntegra
Heresia, que condenastes a mim dantes.

Recaio, talvez, ao vazio, ao silente tribunal,
Cujas almas rés, plúmbeas, são vidas minhas,
São vias e vinhas umedecidas pelo sangue venal.

Recebei-me, Pai, como o habitual de um abandono
vão.
Tenha-me não, expire-me nos teus braços, me des-
faça
E me faça dissolução.

Lucas Matheus Borges de Sousa
Goiânia – GO

3º lugar
Afogai-me, Mundo
Sou, e vejo pelas tuas máquinas A vida que por elas transpassa Tão levemente que nem se pode Sentir o que se passa a correr.
Nada mais resta sobre as ruas O que possa eu, entorpecido, Fremer e almejar, como um falido, A moeda que lhe irá enriquecer.
O que busco é mais profundo, mais Do que posso ver, do que posso dizer. É a verdade secreta, um bem-querer De algo intenso e puramente delirante

Como só se diz de um prazer
Que não se faz na pele ou no sangue,
Que não se encontra no suspiro arfante,
Que não saberei ser quando o ser.

Mas tu, com a engrenagem perversa,
Me lança à superfície tão infesta
De luz e esquisita sanidade,
Que mal posso resistir à metade

Do que sei ser pelo que me obrigas.
Quero que tuas raízes me arrastem
Pelo que se desdobra sob mil camadas;
Que junto a semente primária me amarrem.

Levai-me ferozmente para além do chão da fossa,
Para o cerne da Terra, da chama grossa
Que o fumo sólido exclama e, arraigada
À gente, reveste, como a tintura desvairada.

Rasgai-me como se faz ao fruto maduro,

Como se jura à forca um filho impuro,
Como destrói-se a nau embarcadeira
Que traz à terra a vida pobre e rotineira.

Afogai-me, Mundo! No que não sei viver,
No que não posso e jamais poderia querer.
E sob as peles que visto, lhe entrego o que sou,
E se nada demudar, que seja fundo o fundo onde
estou.

Lucas Matheus Borges de Sousa
Goiânia – GO

POESIAS CLASSIFICADAS - INFANTIL

1º lugar
Beija-flor
Em um dia, sem ninguém avisar, Acordei de manhã e vi o céu chorar Contou-me que o mundo doente estava O termômetro mais de mil marcava Havia pessoas comprando demais sem precisar Outros compravam de menos estando a necessitar O ar, coitado, Ficava com o trabalho pesado Absorvia os comentários de ódio, Ficava muito cansado As plantas, cabisbaixas As flores, aborrecidas Não tinham ninguém para dedicar tempo a elas O sofrimento que não há ninguém que meça Mas, já na desesperança Algo movimentou a dança Um beija-flor, Cheio de cor, Sentou-se na grama e, Sem nenhuma melancolia ou drama, Pôs-se a cantar

Isabela Daher Marques – 12 anos
São José do Rio Preto – SP

2º lugar
A vida
A vida passa Passa a vida Não há tempo para reclamar Nem procelas que não possamos atravessar Então olhe para cima, Ao céu imenso e azul Enquanto lês essa rima O tempo não perdoa Viaja de Norte a Sul Num piscar de olhos passa: Seus cabelos de ébano, grisalhos Seus olhos alegres, cheios de memórias Seu rosto, enrugado

Isabela Daher Marques – 12 anos
São José do Rio Preto – SP

3º lugar
O jogo
Acordo! Começou o jogo Vou para a escola Tempo escuro Tudo normal Dentro da sala de aula
De repente: barulhos estranhos Pessoas desconhecidas entrando na escola, todos desesperados todos se escondendo alunos deitados líquido vermelho derramado
Procuro um lugar! Preciso me proteger. Penso em sair correndo Mas as saídas estão cercadas

Corro rapidamente
Em direção ao banheiro
Choro desesperado

Vi que outros entraram
Carregaram outras armas
Eles arrombam as portas
Fui encontrado: fim de jogo.

Emily Hamed Silva – 11 anos
Monte Sião – MG

OS AVIÕES DO FIM DO MUNDO

VALDO RESENDE

O ser humano é complicado, insensato. Conseguir gastar US\$ 223,2 milhões para construir um único avião para, supostamente, garantir a segurança de alguns sujeitos em caso de guerra nuclear. O valor acima, é de um aparelho pertencente aos Estados Unidos, com capacidade de permanência de 12 horas voando sem ser reabastecido, com capacidade para levar 112 passageiros. No caso, os distintos seriam o presidente do país e alguns comparsas. A quantia, convertida em reais seria algo tipo R\$ 1,11 bilhão. Está lá na notícia que li. Eu gos-

taria de ser capaz de calcular quantos quilos de arroz, ou de feijão daria para comprar com toda essa grana. Um montão, diriam meus conterrâneos mineiros. Em conta rasa, mais de 125.000.000 de sacos de arroz à R\$ 8,00 cada. Daria para uma bela comilança! O diferencial desses aviõezinhos norte-americanos e russos - sim, os russos também possuem os seus! - é o de serem capazes de resistir à um ataque nuclear. E de estarem em condições de detonar bombas e mais bombas pra cima da gente lá de cima. Coordenar esforços de terra, é o eufemismo. No pior cenário, guerra

em curso, esses coisos não teriam onde aterrizar, o que seria um belo sinal de justiça divina. Justiça é um caso sério, já que não há quem consiga impedir o armamentismo no planeta. Se há alguém que ganhe com a indústria bélica, com certeza não é o cidadão comum. Em nome de garantir a segurança, alguns sujeitos recebem fortunas faraônicas para a fabricação de ogivas nucleares, aviões, drones e todo o arsenal que, somados os investimentos para tal produção, alimentariam o planeta. Tais aeronaves são apelidadas de “aviões do juízo final”. Pense na ar-

rogância de tal apelido! Como se a tripulação fosse um corpo de jurados capitaneados pelo próprio Deus. Na real, são aviões do fim do mundo, pois é difícil acreditar que o mundo, tal qual o conhecemos continue o mesmo após uma guerra nuclear. Será outro mundo e, com certeza, muito pior. Foi imposto a todos nós a ideia de que lutar contra tudo isso seria ingenuidade. Pior, fazem-nos acreditar na necessidade vital de cada país produzir, comprar e usar armas, uns contra os outros que, no frigir dos ovos são o nosso próximo, tão humanos quanto! Aqueles que acreditam que esse tipo

de coisa resolve, deveriam olhar para trás. Desde o arco e flecha, passando por punhais e outra centena de tipos de armas, sabemos que a violência não resolve nem muda o ser humano. O problema é acreditar no que dizem aqueles interessados em, de uma forma ou outra, ganhar com a guerra. Muita grana! Tomara que nunca vejamos um avião desses sobrevoando qual país seja. Nem para demonstração, muito menos para exercício. Os dois lados mais letais do planeta – aqueles dois que controlam o arsenal atômico do mundo – não estão interessados no bem de seus próprios ci-

dadãos, enviando-os para as guerras que os “comandantes” de tais aviões arranjam. São incapazes de resolver o desemprego, a fome, a educação e a saúde de seus habitantes, pois preferem munição à alimentação. *Nota: O avião norte-americano é o E-4B Niht-watch, da Boeing, um 747 adaptado para a guerra. Existem quatro aeronaves prontas para o combate. O modelo russo é o Il-80 Maxdone, fabricado pela United Aircraft Corporation. Os russos não divulgam muito sobre o aparelho, mas sabe-se que estão construindo novos e mais potentes modelos.*

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

MALEDICO DE AMIGO NOVO

ILSON JOÃO
MARIANO SILVA

Seu espírito é tão alegre e desprendido que chega a fazer troça de suas pequenas desgraças, rindo de si mesmo. Com ele não tem tempo ruim ou coisa que o entristeça. E se por acaso tem, ele não deixa transparecer um nada, logo esquece e retorna a alegria que vive com ele como amante apaixonada. No barzinho chinfrim onde costuma tomar uns goles, se por acaso recebeu seu salário e está esbanjando num whisky, ninguém toma pinga ou bebida de menor cabedal; João fornece com satisfação bebida igual a sua

para todo mundo. Se leitoa é o que está comendo, da mesma forma, todo mundo passa por uma melhora, pois o João, por índole própria, não sabe ser feliz sozinho:- reparte sempre as coisas boas. Não é por ser rico que o João é alegre, é por seu estado de espírito. Não é por ser rico que o João reparte suas coisas com os que têm pouco, é por índole boa e imutável. Mas o povo não percebe isso e crê de fato que o João é muito rico; dessa crença, nasceu o apelido honroso de João-do-Onassis. E está lá o João-do-Onassis saboreando a terceira pinga entremeada por cinco cervejas, quando adentra ao bar a figura impoluta, caráter sem

jaça do Maledico. Não se conheciam até então, mas Maledico – filósofo, psicólogo, matreiro, malicioso, malandro experiente - logo viu em João sua alma gêmea, só que pura, limpa e ingênua. Por sua vez, João-do-Onassis viu em Maledico, também sua cara-metade, viu o filósofo e o psicólogo em sua pessoa; só não viu - pois sua bondade ingênua nunca deixa - o matreiro, malicioso, malandro experiente na figura ímpar que adentrava ao bar. Maledico encostou o umbigo no balcão, junto do João-do-Onassis; puxou conversa e num tapa, eram amigos de longa data, passando a prosear um papo-cabeça, enquan-

to Maledico já se aproveitava da bebida do novo companheiro. - Que calorão dos infernos! - Bom que seja calor, as morenas aproveitam dele e ficam mais bonitas; os pobres ficam mais confortados com a pouca roupa que têm. - Tenho horror à pobre; por mim morreriam todos para acabar com o sofrimento. - Mas aí, a quem fazer uma boa ação, a quem dar o carinho de uma calça velha, de um pão? - E quem disse que isso é carinho ou boa ação? É querer comprar a gratidão desse povo. - Quando se faz com o coração aberto, a figura é outra.

- Coração aberto só existe em ponte de safe-na, e não me consta que nesta operação se coloque carinho algum nessa bomba de fazer circular sangue. - Foi subjetiva minha resposta: carinho não se coloca no coração, a gente o tem. - Falando em tem, você tem algum aí pra gente tomar mais uns goles? - Chii... Estamos em fim de mês e eu tô mais limpo que bunda de santo. Essa despesa já vou mandar pendurar. - Espera um pouco... E chamando o dono do bar: ô “distinto”, veja a nossa despesa e me adianta aí cinquenta contos, que eu vou pagar com cheque. O coitado do “distinto”

trouxe a conta e mais o cinquentão para o troco do cheque. Maledico pegou a nota, e com cara de rampeira, falando alto, disse ao dono do bar: O cheque eu trago amanhã, e ao João-do-Onassis: Vamos beber noutro bar, que a cerveja daqui tá uma merda que não há quem tome! Soube-se que amarraram o pé daquele jeito. Passado uns tempos, se o João-do-Onassis quis entrar de novo no bar do “distinto”, teve que pagar a conta com cheque pré-datado para o próximo mês. O João tem um coração de ouro! Maledico num tá nem aí!

O FAZEDOR DE BORBOLETAS

JOSÉ CARLOS GROSSI

Gostava de nascer borboletas nos pequenos sábados à tarde. Uma paixão por asas coloridas. Desceu ao porão e abriu a caixa de ferramentas lúdicas e delicadamente retirou pin-

céis, tubinhos de tinta, madeirinhas retorcidas, paninhos estampados e o frasco azul de poção mágica, onde havia colhido suas lágrimas. Demorou-se um pouco na foto da mulher anoitecida e coçou os olhos. Depois colo-

cou a foto no bolsinho da camisa, em cima do coração manso e sentou-se no banquinho de madeira. Acendeu a luz da bancada e curvou-se sobre seus pensamentos. Às vezes comprava pãezinhos de castanha, hoje se esqueceu. Vivia esquecido. O mundo lá fora lhe desinteressava desde que a esposa anoiteceu. Um escuro que inundou a casa e as pequenas coisas. Os vasinhos de flor. A máscara de Veneza. As fotos de Lisboa. O livro do Jorge Luis Borges. Assim suas borboletas revoariam na sala e aliviarium o desespero das mobílias. Depois abriria as janelas. Então colocou os redondinhos óculos nas

abas do nariz e deixou que as mãos libertassem seus ágeis dedos. Haveria de inventar alegrias.



KUAIA

FANTASMA

Eu sou o que não sou e a vida passa

Um falso verdadeiro pintor de mim

Refém na moldura cheia de traça

Pareço na pintura um serafim

Graça ou ventura que disfarça

o fantasma que existe em mim

POPO DE SIÃO

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, JoséAlaércioZamuner, JoséAntonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulação Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Outubro de 2023

Dia 01 Helen Cristina Moraes Luiz Francisco Faria Ingrid Ap. Toledo Cecília	Evaldo Gomes da Silva Roselene Veloso Labegalini Cristina Tavares Bressan Antonio Nivaldo Diniz
Dia 02 Gabriel Labegalini S. Pupo Orlei Ap. Labegalini Everaldo Luiz L. Oliveira	Dia 15 Alan Gaioto Benatti Jair Francisco Odininio Roseli Gomes de Moraes
Dia 03 Thaís Pereira Vilas Boas Lara Rielli Dematei André Labegalini	Dia 16 Luiz Augusto V. Labegalini, Ivone Abrão Mussi Silva Maria Ely Monteiro
Dia 04 Francisco Otávio Gottardello Vinícius Gottardello Lopes Vitorio Francisco Biscuola,	Castagna Valdene Reis Canela Pery de Oliveira Costa
Dia 06 PriscilaTavares da Silva Mônica Zucato Maria Edna Zucato Rafaela Jácomo Batista Lucas Gomes Cruz Labegalini	Dia 17 Andiara Silveira Andreta Benedita Natalina Augusto Carlos Otávio Alves Pereira
Dia 07 Alexandre da Fonseca Jorge da Silva Shinohara Marcos da Silva Shinohara Rita de Cássia Bernardi Lourdes M. Corrêa Ribeiro Ediana Cláudia Silvério Edvaldo Takahashi Eduardo Robert	Dia 18 Helena Monteiro Mussi Marina Righete Patrícia Campos Freire Lourdes Labegalini Monteiro
Dia 08 Ana Carolina Bossi Veloso João Vítor Couto Odininio Alexandre Cley Araújo . Maria Antonieta Z. Gaspardi Jair Francisco Ruiz Gessy Gottardelo de Bacellar	Dia 19 Júlio César Artuso Jheniffer Moraes de Oliveira Deyse Maria S. Labegalini Maria Regina Nicoli, Isabela A. Lamare A. Ruiz Rafaela de Castro Canela
Dia 09 Dalva Ap. Souza Bueno José Rafael de Castro Ribeiro Benedito Mendes C. Sobrinho Julines Martins Vedo-voto Mariana Silvério da Silva Priscila Ribeiro Corrêa Eliana Labegalini Marcos Aurélio Domingues	Ivanir Comune Bernardi Ana Lúcia Queiróz Righete Dia 22 Henrique Monteiro Guinesi Marco Antonio Alves Tatiana Bourghet Machado Ana Rita de Paula Martins
Dia 11 Ramiz Caetano Monteiro, Cássio Righete Souza Bueno Cristiane Evangelista Dia 12 Marina Ap. Barbosa Virgílio Maria Ap. Monteiro Reginato Benedita Marques Corrêa	Elzir Moreira da Costa Dia 23 Luiz Righete Dia 24 Flávia Regina de Souza Costa Rogério Jácomo Batista Áurea Comparim, Dia 25 Getúlio Brasil de Oliveira Ronny Bernardi Silvério Áureo Massao Saguisaka
Dia 13 Lucas Righetto Pastre José Alexandre Macedo Cleuza Alves Danilo Brumer Le Grazie Laís Rossi Oliveira Daniela Canela Janete Righete Aline Antunes da Costa Ádina Maria P. Machado	Dia 26 Tatiane Antunes da Costa Dia 27 Cristiano Caroli Dia 28 Karina Monteiro Dia 29 Aline Simões Comune Jorge Luiz G. Silva Adriana Righete do Amaral Mário Márcio Zucato
Dia 14	Dia 30 Bruna Suélen Del Kuminnwpfer Fábio Monteiro Reginato Maria de L. Souza Bueno Walkiria Canela Dia 31 Carlos Adalberto Daldosso Madelaine Genghini Dra. Rosa le Grazie

A todos, as felicitações da Redação!

ESTRADA DO PIMENTEL AS-FALTADA

A diretoria da Hidropav Construção e Pavimentação Ltda., empresa executora da obra, informa que o asfaltamento da estrada secundária que liga Monte Sião ao bairro do Pimentel, saindo lá no Parque Aquático, já está finalizada, restando mais uma via asfaltada para o benefício da população. Parabéns!

CATÁLOGO DOS AUTORES DE MONTE SIÃO E O NOVO ESPAÇO LITERÁRIO “IVAN MARIANO SILVA”

Concluída a primeira fase de elaboração da pesquisa e redação do relatório do CATÁLOGO DOS ESCRITORES DE MONTE SIÃO, cujo conteúdo resultado de intensa pesquisa, agora doado à FCPA – Fundação Cultural Pascoal Andreta, será objeto de modelagem da instalação do ESPAÇO LITERÁRIO “IVAN MARIANO SILVA”, em convênio entre a Câmara Municipal, por iniciativa dos vereadores e de seu Presidente Platini dos Santos Pereira e a FCPA, que cederá em comodato o acervo a ser exibido e colocado ao alcance da população. Muito empenho, negociação acirrada, ajustes indispensáveis e o Projeto acontece com a participação e contribuição de todos os envolvidos. Parabéns pela iniciativa e que venham mais. Monte Sião e sua gente merecem!

DO JORNAL PANORAMA, TRANSCREVEMOS...

<https://jornalpanoramaminas.com.br/> noticia que “o prefeito Jose Pocai Junior utiliza a tribuna livre da Câmara de Monte Sião para falar sobre financiamentos aprovados em 2022 e defender novo empréstimo de 23 milhões de reais”. O sr. José Pocai Júnior focou sua atenção em quatro pontos fundamentais para o desenvolvimento local. A pauta incluiu discussões sobre projetos de financiamento que versam sobre a infraestrutura de Monte Sião, como o Projeto de Lei Ordinária nº 78/2023, que contempla um financiamento de R\$ 23.000.000,00 junto à Caixa Econômica Federal. Além disso, o prefeito tratou da destinação de recursos conforme as Leis nº 2.925/2022 e nº 2.863/2022, projetos estes que foram aprovados no ano passado, para compra de caminhões e maquinário pesado, além de calçamento de morros em estradas rurais e a construção de um trevo de acesso. Bom mesmo, a cidade carece de atenção!

CADERNO DE POESIAS

Você que tem o seu caderno de poesias trancado nas memórias, daqueles cadernos de diários protegidos a fechadura e chave, que tal revisitá-lo e nos mostrar seu talento, expor seus sentimentos e repartir as mágoas, tornando Monte Sião uma cidade cada vez mais rica de poetisas e poetas. Vamos produzir uma coletânea de poetas monte-sio-

nenses? A AcervoEdições Artesanais, sob o comando do Kuaia José Carlos Grossi está pronta para aceitar o desafio. Vem com a gente!

O DONO DO REMO, UM RES-GATE

É sabido que algumas pessoas que já se mudaram “pra fora do combinado” e nos observam “do andar de cima”, como o Ivan Mariano Silva, o Antonio Daldoso, vulgo Toninho da Fábrica e Moacyr Ramos Calhelha, a eterna Voz da América (https://pt.wikipedia.org/wiki/Moacyr_Ramos_Calhelha), eram chegados às pescarias, especialmente pelo Pantanal ou pela Ilha do Bananal. Também é sabido que o Ivan, o escritor mais sensível e completo de Monte Sião, fisgava momentos e os transforma em crônicas ganhadoras de concurso na Bíblia do Pescador, na década do 80. Pois é! A Alessandra Mariano, filha do Ivan, acaba de resgatar uma raridade, uma joia que passa a integrar o patrimônio cultural de Monte Sião, ou seja, o conto O DONO DO REMO. O Dono do Remo não é ninguém mais nem menos do que o Toninho da Fábrica, o contexto e o cenário são os leitos dos rios da Ilha do Bananal e o texto, uma delícia que desliza suavemente pelo ondular das águas. De quebra, Moacyr Ramos Calhelha o gravou e o arquivo será disponibilizado a quem se interessar. Basta nos enviar o número do whatsapp. Um primor, uma pérola, mais um patrimônio a compor o acervo cultural e literário de Monte Sião!

Fragmentos - 28

ARIOVALDO GUIRELI

1- A fala é um ato tão espontâneo e natural que nunca paramos para pensar na origem das palavras e expressões que habitualmente utilizamos. Acontece que as palavras, assim como as pessoas, nascem, crescem, desenvolvem-se até um determinado ponto depois morrem – caindo em desuso ou simplesmente desaparecendo. O fenômeno é tão implacável que, por vezes, atinge idiomas inteiro. Assim como o ser humano uma língua não nasce do nada. Na maioria das vezes, surge a partir de outra já existente e leva séculos para ganhar forma e feição próprias. O professor pela UFMG, Mário Perini, nos informa assim: “as estruturas gramaticais são um conjunto de instruções que o falante da língua domina implicitamente” e completamos: para colocá-las em ação quando julgar necessário. Trata-se de um mecanismo que é acionado quase que automaticamente. Talvez essa seja a razão pela qual nunca paramos para pensar sobre o percurso feito pelas palavras para que cheguem até nós. As palavras, portanto, não têm apenas significados. Assim como as pessoas elas também têm uma história que caminha a par e passo com a história da humanidade.

2- As mídias televisivas quando querem informar ao público, especialmente

aquele que gosta do futebol, recorrem aos especialistas. Cada um com seu arquivo (notadamente computadorizado) que fornecem as devidas informações sobre jogos, jogadores, times, placares etc. Destacamos dois deles: Mauro Beting e Milton Neves. Porém, o que a mídia não sabe é que entre nós temos uma enciclopédia do futebol que não precisa usar de google ou arquivo computadorizado para informar. Ele é o próprio arquivo! E não erra! Sabe de tudo. O nome do jogador, se está vivo ou não, quais times jogou, o placar daquela ou outra partida... enfim conhece tudo e mais um pouco. Recentemente, num bar da cidade, aconteceu uma aposta: Manfrini um meia-atacante que apareceu para o cenário futebolístico no final da década de sessenta e foi revelado pela Ponte Preta/SP. Um grupo dizia que o mesmo jogara pelo Palmeiras e outro dizia que não!. Apostaram caixas de cervejas. Foram buscar a nossa enciclopédia viva: Simão Pedro Alves. Que sentenciou, sem titubeio: - jogou sim, uma rápida passagem, em 1973! É assim este nosso amigo, quando quero saber sobre algum jogador que não mais ouço falar pergunto para ele, e a resposta é taxativa: está em tal lugar...

3- Uma faca amolada tem o fio cortante. Uma língua afiada tem potência de uma bomba. Na rua os rostos culti-

vam aglomerações, olham e se espantam ao saber de casos que põem em risco vidas alheias. Precisamos entender que a vida precisa ser moldada, religada e sacudida. O que não podemos aceitar são pessoas denegrirem outras pessoas sem aos menos apresentar um argumento!

4- Recentemente, numa live, a pergunta final: - cite sem pestanejar cinco contos da literatura brasileira. Respondi: A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa; Lá no morro, de Wander Pirolí; Escapando com a bola, de Luiz Vilela; Missa do Galo, de Machado de Assis e O inimigo, de Rubem Fonseca.

5- O urgente não é sair pelas ruas cantando a sua canção favorita. O necessário será guardá-la para uma ocasião básica de encontro e proposta verdadeira, salutar e benfazeja.

6- Leia, de Freud – Psicologia das massas e análise do eu – Editora L&PM (pocket).

7- Este fragmento foi alegremente colorido pela inesquecível Rosa do Cabo.

8- Beijos gerais.

ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507
WhatsApp: (19) 99343-9180